

Ronaldo de Oliveira Batista. *A linguagem e os falantes – Ideias linguísticas e sua história*. São Paulo: Ed. Mackenzie. 2017. 132 pp.
ISBN: 9788582936351

Afonso Henrique Novaes Menezes
anovaesmenezes@gmail.com
Universidade Federal do Vale do São Francisco (Brasil)

Das diversas áreas e subdivisões dos estudos de Linguagem, a Historiografia Linguística é uma das que têm ganhado destaque dentre as que já se firmaram no amplo panorama que se volta para os fenômenos da língua, apesar de haver movimentos de pouca aceitação desta área em alguns países, mesmo quando se ressalta “sua importância cognitiva e educativa” (Swiggers, s.d., p. 49).

Na esteira do pensamento e da reflexão sobre as ideias linguísticas, no contexto europeu, Pierre Swiggers, Sylvain Auroux e Konrad Koerner são nomes já firmados no pioneirismo de estudo e fixação da área desde seu início. No Brasil, a nomenclatura da área fez valer uma divisão definidora de duas abordagens metodológicas. Assim, de um lado, tem-se o grupo que classifica seus estudos como parte da Historiografia da Linguística, a qual trata dos temas abordados como “campo autônomo de pesquisa, que deve buscar sua configuração metodológica e firmar seu estatuto como ramo dos estudos linguísticos.” (Batista, 2013, p. 18).

Por outro lado, há o grupo que se define como ligado à História das ideias linguísticas. A proposta metodológica de análise deste grupo segue, em princípio, um caminho contrário ao grupo anterior, o que por si já delinea a distinção entre ambos, uma vez que tal grupo “busca compreender processos de constituição de identidades linguísticas, relações entre os sujeitos e a institucionalização do saber linguístico” (Batista, 2013, p.19).

A primeira abordagem teórica foi apresentada por Ronaldo de Oliveira Batista¹ em uma obra de 2013, intitulada *Introdução à Historiografia da Linguística*. Quatro anos depois, este autor ampliou sua análise em uma obra cujo foco se voltou para diferentes teorias linguísticas, chamada *A linguagem e os falantes – ideias linguísticas e sua história*, a partir da qual esta recensão pretende se desenvolver.

Mesmo mostrando sua identidade teórica já no nome, há uma sutil inversão de apresentação e desenvolvimento do texto que em nada compromete aquilo que se apresenta em suas 132 páginas: a *História das ideias linguísticas* não fecha a obra, mas, ao inverso do que o subtítulo sugere, a introduz em uma estrutura de análise que parte do tema mais amplo até chegar ao foco que se deseja enquadrar: a relação entre teorias linguísticas, as ideias de seus autores e a importância dessas ideias e teorias na Filosofia e estudos da Linguagem verbal. Com essa demarcação, o autor intencionalmente se distancia da Linguística de núcleo mais duro para espalhar-se no mundo dos falantes através de abordagens para compreender as relações *homem-mundo-língua*.

Devido a isso, a obra delimita um tempo definido para fazer a análise dessa história (o século XX), partindo de Bakhtin e Volóshinov e passando por Benveniste, Jakobson, Austin, Brown & Levinson e Mainguenuau. Diante deste recorte, nota-se o tamanho do desafio a que Batista se propôs; afinal cada um destes estudiosos da linguagem trouxe não somente novas e complexas ideias em seu tempo, mas gerou outras e, a partir delas, provocou novas interpretações, negações e revisões e algumas ainda carecem até mesmo de um reconhecimento como campo de análise autônomo, caso da Teoria da Polidez de Brown & Levinson.

Destes autores, Batista focou-se, portanto, no que de cada um propôs, seja nos estudos linguísticos seja por seu valor na inovação do campo ao qual cada um se vincula. De outro modo, seria mais difícil sintetizar as ideias de autores como Bakhtin (cujas análises vão também para a Literatura), Jakobson (que fez estudos fonéticos importantes assim como

¹ Doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP) e Pós-doutor pela Katholieke Universiteit Leuven (Bélgica), é docente do curso de Graduação e Pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Atuou como coordenador do Grupo temático Historiografia da Linguística da Associação Brasileira de Linguística (Abralín) e é pesquisador associado do Laboratório de Historiografia da Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

também estudou sobre a afasia e o discurso literário através da poesia) ou Maingueneau (de quem há uma obra tão vasta quanto de difícil mensuração de sua importância em uma só abordagem).

Este amplo painel teórico, mesmo diverso em suas propostas e disperso em diferentes momentos do século XX, é justificado por Batista ainda na primeira das duas partes de sua obra, em uma nota de rodapé na qual se lê que “a escolha se deveu principalmente aos conjuntos de ideias que enfatizaram o papel do falante no processo comunicativo” (Batista, 2017, p. 18), o que justifica não somente o recorte temporal em apenas um século, mas também o porquê da exclusão de outros autores de igual importância na Linguística e na Filosofia da Linguagem deste período.

Esta primeira parte da obra, por sua vez, divide-se em dois capítulos consonantes com a proposta do autor em contextualizar o tema, enquadrá-lo em sua posição nos estudos linguísticos para, em seguida, expor na segunda parte cada uma das contribuições dos autores acima citados.

Assim, no primeiro capítulo da primeira parte, intitulado *Para contar a história das ideias linguísticas*, já se evidencia o caráter introdutório da obra na área em que se pretende desenvolver as análises posteriores. Nesta direção, evidencia-se a preocupação do autor em definir e demarcar o que é a Historiografia da Linguística, assim como explicitar o papel do historiógrafo, comparando-o a um arqueólogo “que procura reconstruir o caminho das ideias, desde a produção até sua repercussão em contextos institucionais, sociais e culturais.” (Batista, 2017, p. 20).

Ainda neste capítulo, o autor destaca, em um esquema explicativo, o método de pesquisa em Historiografia da Linguística, destacando o tríptico Descrever-Analisar-Interpretar, e contextualiza pontos que ele define como norteadores desta proposta ou “modo [...] que configura o campo” (Batista, 2017, p.26). Este capítulo sintetiza, portanto, os três elementos que justificam a escrita da obra, mostrando que um atrela-se ao outro de modo complementar: a *Historiografia da Linguística* (1) tem uma proposta que a define como campo autônomo de estudos e (2) traz um método específico que é utilizado sob (3) diferentes focos por um historiador.

Esta síntese auxilia o leitor no entendimento do tema proposto, sem, no entanto, perder de vista seu caráter introdutório a respeito de um tema tão vasto, como, inclusive, o autor deixa entrever em suas considerações.

Seguindo seu roteiro de afunilar o tema, Batista faz uso deste primeiro capítulo como um preâmbulo para o segundo desta primeira parte.

Assim, o capítulo dois trata de um ponto mais específico e seu título dá indícios desta especificidade (*Da língua ao discurso: um percurso histórico*), pois o autor propõe fazer uma revisão dos estudos de Linguagem verbal a partir da distinção entre língua e discurso. Para isso, ele faz uso do conceito de *interacionismo* e através dele acaba por justificar uma posição assumida de que as relações humanas, mediadas pela interação através da linguagem verbal, disparam ou estimulam diversas abordagens de análise em áreas distintas, sejam as da Sociologia, da Comunicação ou dos Estudos culturais.

A abordagem dos estudos linguísticos através do conceito do *interacionismo* é a base que fundamentará a tese defendida por Batista e a justificativa para o desenvolvimento da segunda parte da obra. Para sustentá-la, o autor remonta brevemente à Antiguidade clássica, de onde cita Aristóteles, para chegar aos dois polos (ou eixos) de onde oscilam os estudos da Linguística: o Funcionalismo e o Formalismo.

É no primeiro eixo que irá residir o ponto de desenvolvimento deste capítulo, em uma defesa da análise funcional das ideias linguísticas, como “um instrumento que possibilita a interação verbal” (Batista, 2017, p. 31). A partir daí, a obra caminha sob a noção do *interacionismo* numa perspectiva historiográfica, sobretudo em contraste às abordagens formalistas, uma vez que, ao realçar a importância do funcionalismo, coloca o formalismo como seu subalterno, ressaltando neste contraste o valor do falante, do discurso e dos efeitos de sentido que a linguagem verbal traz e que é muitas vezes negligenciada pelos estudos formais.

Para realizar esse contraste valorativo de uma perspectiva sobre a outra, Batista lança mão de uma correlação entre *forma-sistema* e *uso-função*, ressaltando o foco e a importância que o autor quer dar em suas análises, a partir “de uma transição de uma linguística da língua (ou do sistema) para uma linguística do uso da língua (ou do discurso)” (Batista, 2017, p.35).

Diante disso, se faz importante destacar que essa subordinação não se confunde com desprezo da Linguística formal, uma vez que ele demonstra a importância deste eixo de análise dos estudos linguísticos, ao retomar nomes importantes do século XX que delinearam os estudos formalistas, de Saussure e Bloomfield a Chomsky. Porém, ao reafirmar o eixo funcional, ele

introduz as ideias que serão desenvolvidas na segunda parte de sua obra.

A segunda parte da obra de Batista é a mais longa e traz um título que por si só sintetiza a proposta do que será apresentado. Ao chamar esta parte de *A linguagem e os falantes*, o autor tem como objetivo pontuar as ideias de teóricos e filósofos da linguagem verbal que têm os falantes como núcleo dinamizador dos processos discursivos.

Nesta parte, Batista toma como foco oito autores em seis capítulos que seguem a mesma estrutura: *contextualização do autor; as ideias que fundamentam suas teorias e as repercussões e continuidades dessas ideias ao longo da História*. A cada autor atribui-se uma ideia atrelada à linguagem. Deste modo, a Bakhtin e Volóshinov liga-se a atividade social da linguagem; a Benveniste o papel do sujeito na linguagem; a Jakobson o aspecto funcional que a linguagem possui; a Austin a importância dos atos de fala nos processos de uso e efeito da linguagem; a Brown & Levinson o conceito de polidez na comunicação entre o locutor e o alocutário e, por fim, os aspectos enunciativos e as cenas que eles geram no discurso, definidos por Maingueneau.

Em Bakhtin e Volóshinov, os primeiros a serem comentados e analisados, Batista destaca a forte presença do foco sociológico no tratamento da linguagem em suas diversas instâncias, tanto a cotidiana quanto a literária; some-se a isso o fato de que dada a formação de cada um (o primeiro estudou História e Filologia, o segundo, Ciências ideológicas, como oportunamente é informado na contextualização dos autores), temas como ideologia e política acabam por atravessar as suas propostas de análise do discurso produzido pelos falantes.

Batista destaca algumas contribuições importantes destes autores, partindo da perspectiva interacionista. Para isso, ele faz uso do conceito de *dialogismo*, muito recorrente quando se trata de temas *bakhtinianos*, e concentra sua análise em propostas contidas em um texto com dois títulos (*O discurso na vida e o discurso na arte: sobre poética sociológica/A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica*), de 1926, e o livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, de 1929.

Apesar das limitações de um maior aprofundamento que a própria obra impõe, Batista busca sintetizar alguns conceitos-chave do pensamento

bakhtiniano, especificamente os referentes ao discurso materializado em enunciados e à noção de signo como expressão ideológica, um dos temas mais importantes do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*.

Ao tratar do segundo autor, Benveniste, Batista (2017, p. 58) destaca o lugar paradoxal que ele ocupa nos estudos de linguagem, “pois se filiou a um projeto estruturalista ao mesmo tempo em que dele soube se afastar para lhe completar, de certo modo, as lacunas que o prendiam demasiado a uma visão de língua que anulava, no seu modo de compreender a linguagem, seu principal elemento: o homem inserido em uma prática de linguagem intersubjetiva”.

Batista usa dois textos já clássicos para enfatizar as ideias *benvenistianas* sobre o sujeito da linguagem: um é *A natureza dos pronomes*, de 1956; o outro é *Da subjetividade na linguagem*, de 1958. É evidente que tais textos não dão conta da dimensão da obra de Benveniste, no entanto, Batista os utiliza por ambos justificarem a proposta da sua obra em enfatizar o sujeito falante.

A abordagem da relação entre falante e linguagem continua no capítulo seguinte, dedicado a Roman Jakobson. Após uma contextualização da trajetória deste teórico, evidencia-se que sua atuação foi tão ampla quanto diversa nos diferentes campos de estudos da linguagem e das relações desta com a Literatura, o que justifica a escolha de Batista em dar foco a um dos textos mais famosos do autor russo (*Linguística e poética*, de 1960), sobretudo no que se refere ao tratamento das chamadas *Funções da linguagem*.

Partindo deste texto, Batista mostra que, mesmo sob críticas posteriores, os conceitos ali presentes (correlacionados à Psicologia e à Filosofia) ainda têm muita força e validade, principalmente por apresentar uma relação funcional entre os elementos da comunicação cujo centro é formado pelas trocas semióticas entre emissor-receptor.

No capítulo seguinte, Batista passa a tratar da Pragmática, usando como referência o pensamento do filósofo John Langshaw Austin. Através de uma contextualização histórica na primeira parte de cada capítulo (intitulada *O autor e sua época*), subentende-se o quanto esta área foi importante, pois, além de surgir no entremeio do pensamento de Chomsky e de Benveniste, ambos revolucionários para os estudos da linguagem, inseriu a Filosofia

no campo da investigação linguística, indicando, portanto, caminhos alternativos e bastante ricos para o que seria feito, a partir da década de 1950, nos termos da relação falante-mundo ou da interlocução entre os falantes em uma linguagem como ação. Estes estudos acabaram por ser chamados de filosofia da linguagem ordinária, que “concebiam uma análise filosófica feita por meio da observação do que as palavras de fato significavam no uso cotidiano das línguas naturais [...]” (Batista, 2017, p. 86).

Para análise do percurso teórico desta corrente, Batista faz uso do livro *How to do things with words*, fruto de conferências feitas por Austin em 1955, na Universidade de Harvard, e lançado sete anos depois, de forma póstuma. Mesmo lançado sob tais condições e fruto de reflexões voltadas para apresentações públicas, esta obra tornou-se a referência do que a partir de então se estabeleceria como a base para os estudos pragmáticos.

A explicação direta e sintética feita por Batista para cada um dos conceitos-chave desta abordagem (como as divisões dos atos de fala e os exemplos de que nem somente da linguagem verbal se realizam ações) auxiliam a compreender o quanto esta proposta foi importante no entendimento da relação entre os falantes, ainda que ela tenha sido revista por Austin no curto espaço de tempo em que ele fez suas reflexões, como se faz notar acerca do conceito de *performatividade* e *constatividade*, do qual “saímos [...] de uma distinção em dois polos opostos para uma visão totalmente performativa, em que as ações por meio da linguagem colocam-se, de acordo com os propósitos dos falantes em contextos específicos, de forma direta ou indireta.” (Batista, 2013, p. 90).

O capítulo sobre Brown & Levinson é o que apresenta as informações mais originais. Isso se deve sobretudo ao pouco conhecimento da Teoria da polidez, preconizada por seus criadores, na Linguística brasileira. Se as demais ideias apresentadas anteriormente há muitos anos fazem parte dos programas dos cursos de Letras e Linguística do Brasil, esta teoria, que considera a cortesia na mediação dos falantes, ainda é incipiente em estudos e pouco conhecida ou divulgada em terras brasileiras.

Devido a isso, o capítulo que trata destes autores sobreleva-se em seu interesse entre os demais, pois introduz e discute a proposta da norte-americana Brown e do britânico Levinson de modo claro em cada uma das partes deste capítulo. Assim sendo, desde a parte inicial (onde contextualiza

os autores), Batista evidencia que o cruzamento da formação intelectual de ambos, através da Psicologia e da Antropologia (Penelope Brown) e da Arqueologia e Antropologia (Stephen Levinson), formatou a base para o que viria a ser a Teoria da polidez.

O que Batista deixa evidente em sua análise sobre as ideias surgidas dessa teoria é que outras áreas da Linguística complementam as propostas de Brown & Levinson, como a Sociolinguística interacional (através dos trabalhos do canadense Erving Goffman) e a Pragmática (através dos conceitos de Grice). Ou seja, a proposta de Brown & Levinson, se não inovadora, apresenta temas já conhecidos sob novas bases.

Isso se percebe na definição dada por Batista (2017) sobre a teoria da polidez, em contraste com estudos que a antecederam a respeito da qual “a polidez é compreendida não exatamente como um conjunto normativo de condutas sociais a serem seguidas, mas, sim, como estratégias conversacionais, cujo objetivo é manter boas relações na conversação, tendo em vista os propósitos que estão em destaque nas trocas verbais contextualizadas [...]” (p. 103). É partindo desta definição que ele faz uma síntese de *Politeness: Some Universals in Language*, a obra mais importante de Brown & Levinson, lançada ao final dos anos de 1970 e revisada dez anos depois.

A importância da síntese feita por Batista a respeito desta teoria se dá pela novidade do tema e a sua pouca visibilidade dentre as ideias antes apresentadas, o que faz com que este capítulo seja inteiramente informativo e, por essas razões, ganhe destaque na obra. Apesar desse caráter distintivo de divulgação de uma área pouco conhecida no Brasil, Batista mostra (quando trata das repercussões e continuidades) que a Teoria da polidez ainda não conseguiu se firmar de modo autônomo como proposta de análise do fenômeno linguístico, citando autores (como Diana Bravo, Álvarez Muro, Hernández Flores e Catherine Kerbrat-Orecchioni) que questionaram as ideias que a subjazem e a suposta universalidade das análises propostas por Brown & Levinson.

A análise da contribuição de Dominique Maingueneau aos estudos linguísticos é o capítulo que encerra o livro de Batista. Ao lado de Brown & Levinson, o linguista francês é um dos autores que ainda está vivo, dentre os apresentados ao longo das páginas anteriores, e mantém uma obra em

continuidade, por isso mesmo ainda não posta à distância de avaliações que só o tempo determina.

Em seu presente momento, as propostas de Maingueneau se mantêm válidas e influentes. Isso se faz notar através dos comentários de Batista sobre sua intensa produção em *Análise do discurso*, seja sozinho ou em parceria com Patrick Charaudeau, e a forte influência que ele tem sobre os estudiosos do discurso no Brasil ainda hoje. Segundo Batista, esta influência põe em relevo a forte presença dos estudos linguísticos alternativos ao formalismo no Brasil e que estão presentes em diversas obras de Maingueneau.

Deste modo, como um remate da proposta que transcorre por seu livro, ao mesmo tempo que põe em linha as ideias-base do linguista francês, Batista (2017, p. 112) retoma o que ele chama de “pontos fundamentais que identificam essas mudanças do século XX”, dos quais se destacam: a *linguagem como interação* a qual, por sua vez, *é dinâmica e mediada por palavras inseridas em um discurso produzido através de diversos gêneros por meio de um falante em um dado momento histórico*.

Vista em panorâmica, a obra de Batista tem seu valor realçado, pois tanto contextualiza épocas, autores e ideias em um mesmo foco (o sujeito falante atuando no mundo) quanto apresenta a Historiografia linguística como área muito rica a ser explorada. Deste modo, atende a duas exigências: enriquece os estudos historiográficos e informa os leitores sobre as ideias ali presentes de modo objetivo e didático. Mesmo sendo uma obra escrita no Brasil, utilizando a realidade brasileira para contextualizar o impacto dessas ideias, isso está longe de ser um limite para um leitor de qualquer outro país compreender tanto a Historiografia da Linguística quanto os autores e teorias ali apresentados.

Isto tudo acaba por revelar o texto de Batista como uma obra que vai além da discussão sobre a Historiografia Linguística e a defesa de sua autonomia entre os campos de estudos da linguagem que ora privilegiam a forma ora a função. Essa visão de fora, em que se observam os fenômenos como reflexos dos movimentos dinâmicos de continuidade e ruptura próprios da História, seria, portanto, uma terceira via de análise da Linguagem dentre as duas citadas.

Neste sentido, evidencia-se que as ideias linguísticas ganharam mais relevância quando saíram dos limites da imanência da linguagem e se

aliaram a áreas das Ciências humanas onde a linguagem também faz parte dos temas de investigação, como a Antropologia, a Filosofia, a Psicologia e a Sociologia. Mostra também que, mesmo sob origens diferentes, é possível encontrar um ponto em comum entre as teorias, neste caso, a perspectiva de se compreenderem as ideias linguísticas do século XX pelo viés da interação dos falantes.

Sob tal contexto, a obra de Batista atende bem ao objetivo de trazer uma abordagem nova a este campo de estudos. Devido a isso, ela abrange um público diverso, desde o iniciante na área dos estudos linguísticos como também estudantes de pós-graduação em Letras ou de áreas cujos temas se cruzem com a diversidade da Linguística funcional.

REFERÊNCIAS

- Batista, Ronaldo de Oliveira. 2013. *Introdução à Historiografia da Linguística*. São Paulo: Cortez Editora.
- Koerner, E.F.K. 2014. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Vila Real: Centro de Estudos em Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto dourado. Col. Linguística, vol. 11.
- Swiggers, Pierre. s.d.. *A historiografia da Linguística: objeto, objetivos, organização*. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/1171.pdf> Acessado em 09 de julho de 2019.